

ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN – UM ESTUDO DE CASO

Maria José da Silva⁶

Resumo

O presente trabalho visa discutir aspectos inclusivos em relação à Síndrome de Down, ao analisar as possibilidades de alfabetização de uma estudante da Rede Municipal de Ensino Fundamental I na cidade de Salvador-Ba. O método de pesquisa foi a abordagem qualitativa, com foco no estudo de caso, utilizamos como instrumentos o levantamento bibliográfico, observação participante e questionários que foram realizados com colegas, professores e familiares. Com vistas atender as reais necessidades da aluna S foi elaborado um Plano de Atendimento Educacional Especializado (AEE) onde se projetou a realização de um trabalho direcionado à criança com deficiência intelectual, focado em ações específicas, dando ênfase ao conhecimento da aluna e de suas particularidades. O mesmo pretende auxiliar a equipe pedagógica a desenvolver e executar atividades lúdicas, pedagógicas e sociais que favoreçam o desenvolvimento, fortalecimento e amadurecimento humano, da aluna e de outras crianças com deficiências a fim de que possam favorecer o desenvolvimento da independência, autonomia e cidadania dentro e fora da escola. Constatou-se, a importância desse trabalho enquanto recurso pedagógico, pois contribui para que haja uma maior interação, evolução, compreensão e socialização no processo de ensino e aprendizagem de todos, dentro da perspectiva de inclusão escolar.

Palavras-chave: Síndrome de Down. Alfabetização. Atendimento Educacional Especializado. Inclusão Escolar.

Abstract

The present work aims to discuss inclusive aspects in relation to Down Syndrome, by analyzing the literacy possibilities of a student from the Municipal Elementary School I in the city of Salvador-Ba. The research method was a qualitative approach, focusing on the case study, we used as instruments the bibliographic survey, participant observation and questionnaires were carried out with colleagues, teachers and family members. In order to meet the real needs of student S, a Specialized Educational Assistance Plan was designed, where a work aimed at children with intellectual disabilities was designed, focused on specific actions, emphasizing the knowledge of the student and her particularities. The same intends to help the pedagogical team to develop and execute playful, pedagogical and social activities that favor the development, strengthening and human maturation, of the student and other children with disabilities so that they can favor the development of independence, autonomy and citizenship within and out of school. The importance of this work as a pedagogical resource is verified, as it contributes to greater interaction, evolution, understanding and socialization in the teaching and learning process of all, within the perspective of school inclusion.

Keywords: Down Syndrome. Literacy. Specialized Educational Services. School Inclusion.

⁶Licenciada no curso Normal Superior pelo Centro Universitário Jorge Amado, Especialista em: Educação Especial – Formação Continuada de Professores para o Atendimento Educacional Especializado pela Universidade Federal do Ceará e Educação Psicomotora pela Faculdade de Vitória. Professora concursada há 21 anos pela Prefeitura da cidade de Salvador – Ba, atuando na sala de AEE – Atendimento Educacional Especializado, desde 2014. Email: mariajs1960@gmail.com

Introdução

A educação inclusiva acolhe todas as pessoas, sem exceção, permite que as pessoas aprendam e interajam uns com os outros, troquem experiências, cresçam emocionalmente, percebam-se no outro e com o outro. Segundo (OLIVEIRA e POKER, 2002, p. 233-244), “o paradigma da escola inclusiva pressupõe, conceitualmente, uma educação apropriada e de qualidade, oferecida conjuntamente a todos os alunos”, nas classes de ensino comum, onde deve ser desenvolvido um trabalho pedagógico que sirva a todos indiscriminadamente, conforme documento do Ministério da Educação e Cultura. (BRASÍLIA, 2005). Deste modo, o ensino inclusivo é a prática da inclusão de todos, independente de seu talento, de sua deficiência, de sua origem socioeconômica e cultural.

Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo discutir aspectos inclusivos em relação à alfabetização de crianças com deficiências, ao questionar: Quais as possibilidades de alfabetização de uma aluna com Síndrome de Down, no contexto da escola comum? A Pesquisa estará pautada em um estudo do caso S, aluna matriculada numa escola Municipal de Salvador, na turma do 3º ano C, no turno vespertino e para a sua realização foram aplicados questionários com 07 perguntas fechadas, para 10 colegas da turma de 22 alunos, a professora titular, as professoras de áreas, a mãe, a irmã e a tia.

Para corroborar com o objetivo geral da pesquisa, tornou-se necessário pensar em algumas questões como: identificar o processo de alfabetização da educanda com síndrome de Down; reconhecer a importância da inserção da discente com Síndrome de Down na escola comum; observar como acontece o processo de alfabetização da estudante com SD(Síndrome de Down), a fim de promover um ambiente alfabetizador e compreender a importância das leis que respaldam a inclusão de crianças com deficiência e a partir dessas informações, elaborar um plano de Atendimento Educacional Especializado (AEE) para a aluna S.

A escola, como espaço social agregador, deve promover o letramento sem se esquecer de seu papel alfabetizador. Este trabalho terá uma abordagem qualitativa e dentro das possibilidades do mesmo, optamos por um estudo de caso considerando as peculiaridades do trabalho investigativo. Os instrumentos a serem utilizados serão: levantamento bibliográfico, observação participante e questionários. Nessa experiência será realizada observações da aluna S dentro dos diferentes espaços onde estuda e o seu caminhar nestes. Deste modo construiremos um Plano de AEE que visa indicar meios que auxiliem a discente e a equipe pedagógica, a realizar ações que visem a evolução pessoal, social, psicomotora e cognitiva da aluna em questão. Ele será pautado alguns estudiosos na área.

Este estudo serviu para refletirmos sobre as questões que envolvem estudantes com Síndrome de Down, outras deficiências e Síndromes, inseridas em espaços do ensino regular, matriculados e inseridos, mas, nem sempre incluídos. Uma vez que nossas práticas normalmente se baseiam no pressuposto de que somos todos iguais, negando ou mascarando as diferenças e os diferentes. Os colegas com desenvolvimento típico ganham conhecimento sobre deficiência, tolerância e aprendem como trocar, defender e apoiar os atípicos.

A Síndrome de Down: conceitos fundamentais

A síndrome de Down foi descrita pelo médico inglês John Langdon Down, em 1866, também conhecida como trissomia do cromossoma 21. A síndrome de Down é decorrente de uma alteração genética ocorrida durante ou imediatamente após a concepção. A alteração genética se caracteriza pela presença a mais do autossomo 21, ou seja, ao invés do indivíduo apresentar dois cromossomos 21, possui três. A esta alteração denominamos trissomia simples. No entanto podemos encontrar outras alterações genéticas, que causam síndrome de Down. Estas são decorrentes de translocação, pela qual o autossomo 21, a mais, está fundido a outro autossomo. (ANTUNES, 2004).

O erro genético também pode ocorrer pela proporção variável de células trissômicas presente ao lado de células citogeneticamente normais. Estes dois tipos de alterações genéticas são menos frequentes, que a trissomia simples. Também alteram todo o desenvolvimento, maturação do organismo e a cognição do indivíduo. Além de conferirem lhe outras características relacionadas à síndrome. (HONORA e FRIZANCO 2008).

De forma geral, as pessoas com a SD possuem algumas características semelhantes como: mãos curtas e largas possuindo somente uma linha transversal, boca pequena, pele flácida, orelhas pequenas, pés chatos e dedo curto, cabeça com aparência arredondada, pescoço curto e seu envelhecimento costuma ser precoce, são calmas, afetivas, bem-humoradas, porém podem apresentar grandes variações no que se refere ao comportamento. A personalidade varia de acordo com cada indivíduo e estes podem apresentar distúrbios do comportamento, desordens de conduta e ainda podem variar quanto ao potencial genético e características culturais, que serão determinantes no comportamento. (SCHWARTZMAN, 1999).

Para JONES apud (SIQUEIRA, 2006, p. 26) “nenhuma criança tem todos os sinais e nenhum sinal isolado é decisivo para caracterizar o diagnóstico sendo positivo para a síndrome”. As crianças com SD além de possuírem fenótipos parecidos apresentam o crescimento físico e seu

desenvolvimento motor mais lento, pois seus músculos trabalham lentamente devido ao atraso no desenvolvimento mental. Dentro desse caminhar, Werneck, afirma que:

Crianças com Síndrome de Down têm desenvolvimento intelectual limitado, sendo que a maioria apresenta deficiência mental leve ou moderado. A mesma variação na função cognitiva, notada na população normal, também é observada na Síndrome de Down. Alguns indivíduos são mais vivos, outros já não têm a mesma vivacidade (WERNECK, 1993, p. 63).

A estimulação precoce é determinante para o desenvolvimento cognitivo, psicomotor e social das crianças com SD, o que é semelhante às pessoas, consideradas “normais”. Por isso torna-se imprescindível que as crianças com essa síndrome frequentem, o quanto antes, uma escola de inclusão, para que não ocorra comprometimento no seu desenvolvimento global e no processo de aprendizagem. A aprendizagem é realizada com sucesso se capacidades de assimilação, reorganização e acomodação, estiverem integras, assim vão se dando as aquisições ao longo do tempo. Estes três processos acontecem para que um indivíduo esteja sempre adquirindo novas informações, assim, quando se depara com um dado novo, para a internalização do mesmo, o indivíduo deve reorganizar as aquisições já adquiridas, para acomodar os novos conhecimentos sendo por este processo que linguagem e cognição se desenvolvem.

As dificuldades de aprendizagem da criança com Síndrome de Down

A criança com síndrome de Down tem idade cronológica diferente de idade funcional, desta forma, não devemos esperar uma resposta idêntica à resposta de uma sem a Síndrome, que não apresentam alterações de aprendizagem. Esta deficiência decorre de lesões cerebrais e desajustes funcionais do sistema nervoso:

O fato de a criança não ter desenvolvido uma habilidade ou demonstrar conduta imatura em determinada idade, comparativamente a outras com idêntica condição genética, não significa impedimento para adquiri-la mais tarde, pois é possível que madure lentamente. (SCHWARTZMAN, 1999, p. 246).

A prontidão para a aprendizagem depende da complexa integração dos processos neurológicos e da harmoniosa evolução de funções específicas como linguagem, percepção, esquema corporal, orientação têmporo-espacial e lateralidade. É comum observarmos na criança Down, alterações severas de internalizações de conceitos de tempo e espaço, que dificultarão muitas aquisições e refletirão especialmente em memória e planificação, além de tornar difícil a aquisição da linguagem. Crianças com esta Síndrome, não desenvolvem estratégias espontâneas e este é um

fato que deve ser considerado em seu processo de aquisição de aprendizagem, já que esta terá muitas dificuldades em resolver problemas e encontrar soluções sozinhas.

As pessoas com Síndrome de Down têm maior probabilidade em sofrer alguns problemas de saúde como: problemas cardíacos congênitos, problemas respiratórios e disfunção na tireoide causando o sobrepeso, além de outros que implicam diretamente no desenvolvimento da aprendizagem são: alterações auditivas e visuais, incapacidade de organizar atos cognitivos e condutas, debilidades de associar e programar sequências.

Estas dificuldades ocorrem principalmente por que a imaturidade nervosa e não mielinização das fibras pode dificultar funções mentais como: habilidade para usar conceitos abstratos, memória, percepção geral, habilidades que incluam imaginação, relações espaciais, esquema corporal, habilidade no raciocínio, estocagem do material aprendido e transferência na aprendizagem. As deficiências e debilidades destas funções dificultam principalmente as atividades escolares:

[...] entre outras deficiências que acarretam repercussão sobre o desenvolvimento neurológico da criança com síndrome de Down, podemos determinar dificuldades na tomada de decisões e iniciação de uma ação; na elaboração do pensamento abstrato; no cálculo; na seleção e eliminação de determinadas fontes informativas; no bloqueio das funções perceptivas (atenção e percepção); nas funções motoras e alterações da emoção e do afeto. (SCHWARTZMAN, 1999, p. 247).

No entanto, a criança com Síndrome de Down tem possibilidades de se desenvolver e executar atividades diárias e até mesmo adquirir formação profissional, no enfoque evolutivo, a linguagem e as atividades como leitura e escrita podem ser desenvolvidas a partir das experiências da própria criança. Do ponto de vista motor, hipocinesias ou pouca mobilidade, associada à falta de iniciativa, espontaneidade, hipercinesias ou mobilidade aumentada e desinibição são frequentes. E estes padrões, aparentemente simples, também interferem na cognição, pois o desenvolvimento psicomotor é à base da aprendizagem.

As inúmeras alterações do sistema nervoso repercutem em alterações do desenvolvimento global e da aprendizagem. Não há um padrão estereotipado previsível nas crianças com síndrome de Down e o desenvolvimento da inteligência não depende exclusivamente da alteração cromossômica, mas é também influenciada por estímulos provenientes do meio. No entanto, o desenvolvimento da inteligência é deficiente e normalmente encontramos um atraso global. As disfunções cognitivas observadas nesta criança não são homogêneas e a memória sequencial auditiva e visual geralmente é severamente acometida.

Enfoques da intervenção pedagógica junto à criança Down

A criança Down, normalmente, apresenta muitas debilidades e limitações, assim o trabalho pedagógico deve primordialmente respeitar o ritmo da criança e propiciar-lhe estimulação adequada para desenvolvimento de suas habilidades. Programas devem ser criados e implementados de acordo com as necessidades específicas das crianças. Segundo MILLS apud (SCHWARTZMAN, 1999, p. 233) “a educação da criança é uma atividade complexa, pois exige adaptações de ordem curricular que requerem cuidadoso acompanhamento dos educadores e pais”. Frequentar a escola permitirá que a mesma adquira, progressivamente, conhecimentos, cada vez mais complexos que serão exigidos da sociedade e cujas bases são indispensáveis para a formação de qualquer indivíduo.

Segundo a psicogênese, o indivíduo é considerado como instrumento essencial à interação e ação. E como descreve (PIAGET 1998), “o conhecimento não procede, em suas origens, nem de um sujeito consciente de si mesmo, nem de objetos já constituídos e que a ele se imponham. O conhecimento resulta da interação entre os dois”.

Para que a aprendizagem seja significativa, a escola deverá adotar uma proposta curricular, que se baseie na interação sujeito objeto, envolvendo o desenvolvimento desde o começo. E o ensino das crianças com deficiências deve ocorrer de forma sistemática e organizada, seguindo passos previamente estabelecidos, o trabalho desenvolvido não deve ser apenas teórico e metódico, deve ocorrer de forma agradável e que desperte interesse na criança. Normalmente o lúdico atrai muito a criança, na primeira infância, e é um recurso muito utilizado, pois permite o desenvolvimento global da criança através da estimulação de diferentes áreas.

Uma das maiores preocupações em relação à educação da criança, de forma geral, se dá na fase que se estende do nascimento ao sexto ano de idade. Neste período, a formação educacional tem por objetivo promover à criança maior autonomia, experiências de interação social e adequação. Permitindo que esta se desenvolva em relação a aspectos afetivos, volitivos e cognitivos, que sejam espontâneas e antes de tudo sejam crianças. Inicialmente, a criança adquire uma gama de conhecimentos livres e estes lhe propiciarão desenvolver conhecimentos mais complexos, como o caso de regras. Os conhecimentos devem ocorrer de forma organizada e sistemática, seguindo passos previamente estabelecidos de maneira lúdica e divertida, que permite a criança reunir um conjunto de experiências integradas que lhe permita relacionar-se no contexto social e familiar.

Em crianças Down é comum observarmos evolução desarmonica e movimentos estereotipados. Esta defasagem pode ser compensada através do planejamento psicomotor bem direcionado, que lhe proporcionam experiências fundamentais para sua adaptação. A atividade física

na escola tem proporcionado não só a crianças típicas, como também as com deficiências, um grande desenvolvimento global que será a base para as demais aquisições. O resgate da importância do corpo e seus movimentos, o conceito de vida associado a movimento, a retomada do indivíduo como agente ativo na construção de sua história, proposto pela educação física.

O indivíduo possui um corpo que está sobre seu domínio e que todas as partes destes constituem o sujeito, de forma que o corpo precisa se tornar sujeito e pela integração de mente ao corpo reconstruímos os elos quebrados. Para que as aquisições ocorram de forma íntegra é preciso, que o indivíduo vivencie experiências e a partir destas formule seus conceitos e internalize as informações adquiridas. Antes de adquirir qualquer conhecimento a criança precisa descobrir seu corpo e construir uma imagem corporal que é uma representação mental, perceptiva e sensorial de si mesma e um esquema corporal que compreende uma representação organizada dos movimentos necessários a execução de uma ação e a organização das suas funções corporais. Estes vão sendo construídos e reformulados ao longo da vida.

Funções como capacidade de dissociar movimentos, individualizar ações, organizar se no tempo e no espaço e coordenação motora servem de base para desenvolver atividades específicas, assim são fundamentais as aquisições, a descoberta do corpo e de seus seguimentos, relação do corpo com objeto, espaço entre corpo e objeto, percepção dos planos horizontal e vertical entre outras. São fundamentais para a relação sujeito-meio, que será pano de fundo de todas as aprendizagens.

A relação quantidade, qualidade e forma que o sujeito experimenta e internaliza as informações pode determinar a qualidade da formulação de seus conceitos. Com as reduções das atividades lúdicas na vida da criança, esta tem suas experimentações restritas, pois precisam interagir com a realidade usando todos os seus sentidos e todo o seu corpo. É fundamental reafirmarmos o proposto pela educação física que o corpo não pode ser separado da mente e suas funções se completam tornando-os parte um do outro, assim sentir, aprender, processar, entender, resolver problemas, são fundamentais no processo de formação da criança. É pelo corpo, que esta experimenta o mundo e o movimento é o mediador nas suas construções.

A possibilidade que um corpo tem de se mover no espaço é instrumento essencial para a construção do intelecto e o corpo serve como órgão de trabalho gerador de experiências. As explorações das possibilidades motoras de uma criança desencadeiam circuitos sensório-motor, que estruturaram as relações que conceberá futuramente. O processo formal da educação consiste em repassar conceitos à criança sem levá-la a vivenciar, é este o seu ponto falho, pois para internalizar uma informação não basta decorar conceitos e sim participar da construção destes e construir suas próprias ideias.

A criança tem que ser vista de forma global e educá-la não é apenas trabalhar a mente e sim o global, abrangendo todos os aspectos, inclusive a necessidade de interagir com o meio tendo contato direto com o universo de objetos e situações, que a cercam podendo assim efetivar suas construções sobre a realidade.

Todas as atividades proporcionadas à criança devem ter por objetivo a aprendizagem ativa que possibilite a criança desenvolver suas habilidades. Frente à grande variação das habilidades e dificuldades da síndrome de Down, programas individuais devem ser considerados e nestes enfatiza-se as possibilidades de evolução de cada criança e a motivação necessária para o desenvolvimento destas. Para tanto, o professor deve conhecer as diferenças de aprendizagem de cada criança de forma a organizar seu trabalho e a programação didática.

Um bom currículo deve considerar várias características em termos de pedagogia para que a partir destas sejam escolhidas técnicas, que mantenham a criança atenta e motivada. Em termos de ambiente de aprendizagem procurar-se-á evitar o aparecimento de variáveis que possam bloquear o processo e por isso muitas vezes são utilizadas salas de recursos, inseridas na escola comum.

Enfatizamos algumas recomendações em relação ao ensino de crianças com deficiências, entre elas, as com Síndrome de Down:

- ? As atividades devem ser centradas em coisas concretas, que devem ser manuseadas pelos alunos;
- ? As experiências devem ser adquiridas no ambiente próprio do aluno;
- ? Situações que possam provocar estresse ou venham a ser traumatizantes devem ser evitadas;
- ? A criança deve ser respeitada em todos os aspectos de sua personalidade;
- ? A família da criança deve participar do processo intelectualivo.

O processo de alfabetização do aluno com Síndrome de Down

O processo de alfabetização de um aluno não é tarefa fácil, quando ele tem SD, é mais difícil ainda. As crianças são diferentes entre si, por isso, a forma de aprender e o ritmo de aprendizagem também são. Para (FERREIRO e TEBEROSKI, 1991, p. 34), “o processo de alfabetização é vagaroso e o aprendiz observa, interioriza conceitos, duvida deles, reelabora, até que chega ao código alfabético utilizado pelo adulto”. É com esse código que o aluno passa a desenvolver a consciência entre pensamento e linguagem, e a partir daí é que passa a fazer uso da escrita.

Para se efetuar o processo de alfabetização, é necessário que o educando consiga compreender a relação que existe entre oralidade e a escrita, além de conhecer as regras da escrita. A alfabetização

do aluno com SD deve ocorrer de forma gradual, pois estas crianças não conseguem absorver grande número de informações. Também não devem ser apresentadas informações isoladas ou mecânicas, de forma que a aprendizagem deve ocorrer de forma facilitada, através de momentos prazerosos. Segundo (LEFÉVRE, 1989), “a alfabetização de crianças com Síndrome de Down é fundamental para sua vida social, pois possibilita condições que facilitam o seu desenvolvimento como ser humano integrado à sociedade, podendo garantir maior autonomia e independência”.

Para que isso ocorra é necessário que o professor promova o desenvolvimento da aprendizagem nas situações diárias da criança, e a evolução gradativa da aprendizagem deve ser respeitada. Não é adequado pularmos etapas ou exigirmos da criança atividades que ela não possa realizar, pois estas atitudes não lhe trazem benefícios e ainda pode lhe causar estresse.

Alguns alunos possuem comprometimento significativo na oralidade, desse modo, quando a criança adentra na escola, deve ser priorizado o trabalho que favoreça o desenvolvimento da oralidade e do convívio social, a seguir, a construção do simbólico. Seguindo esses parâmetros, a criança pode começar a perceber a necessidade de se utilizar meios que facilitem a comunicação com as pessoas. (TRONCOSO, 1998) afirma que:

Pessoas com SD têm a atenção, percepção e a memória visuais como pontos fortes e que se desenvolvem com um trabalho sistemático e bem estruturado. Porém, se verificam dificuldades importantes na percepção e memória auditivas, que com frequência se agravam por problemas de audição agudos ou crônicos. Por essa razão, a utilização de métodos de aprendizagem que tenham um apoio forte na informação verbal, na audição e interpretação de sons, palavras e frases, não é muito eficaz. (TRONCOSO, 1998, p. 70).

Para a autora acima, no processo de alfabetização do aluno com SD, é importante que o aluno comece a pensar e dar significado a realização da escrita. Entendendo que ele apresenta, geralmente, uma boa capacidade de memória visual, torna-se interessante a utilização de estratégias de alfabetização que trabalham com o reconhecimento da “palavra inteira”. Desse modo, é importante o estímulo visual de palavras com significados para o discente.

A família e a educação

A família deve ser orientada e motivada a buscar atendimento precoce, a colaborar e participar do programa educacional, promovendo desta forma uma interação maior com a criança. Também é fundamental que a família incentive a prática de tudo que ela assimila. A associação dos estímulos realizados e a interação dos pais/cuidadores, tornam-se um fator preponderante para o desenvolvimento e aprendizagem de crianças com deficiências. Assim é fundamental o aconselhamento a família que deve considerar sobretudo a natureza da informação e a maneira como

a pessoa é informada, com o propósito de orientá-la quanto à natureza intelectual, emocional e comportamental.

Os pais, familiares e cuidadores da criança com SD necessitam de informações sobre a natureza e as áreas que ela mais precisa de apoio; quanto aos recursos e serviços existentes para poder auxiliá-la e se posicionar frente à sociedade, como um sujeito pensante e um cidadão consciente das suas obrigações, deveres e direitos.

Metodologia

Este capítulo limita-se à apresentação da metodologia utilizada para a construção deste trabalho que investigou as possibilidades de alfabetização de uma aluna com Síndrome de Down no contexto da escola comum. Os princípios norteadores da pesquisa são definidos por Kidder apud (BRANDÃO, 1981), como sendo um processo “formal e sistemático de desenvolvimento do método científico”. A metodologia adotada neste estudo foi focada em uma abordagem qualitativa e descritiva a partir de um estudo de caso, como método de pesquisa, considerando as peculiaridades de um trabalho investigativo. Os instrumentos utilizados foram: levantamento bibliográfico; observação participante e questionários. Foram utilizados, também, documentos como o Projeto Político Pedagógico, o Regimento Escolar e o livro de Atas das reuniões do Conselho Escolar da escola em que o estudo foi realizado.

Estudo de caso

A realização deste trabalho através do estudo de caso, com apoio de outras fontes que agregam o estudo científico, foi uma escolha da pesquisadora, partindo do pressuposto ser um método de estudo interessante e importante para a realização da pesquisa.

O Método do Estudo de Caso é um método das Ciências Sociais e, como outras estratégias, tem as suas vantagens e desvantagens que devem ser analisadas à luz do tipo de problema e questões a serem respondidas. Para YIN (2001, p. 21) estudo de caso “vem sendo uma estratégia comum de pesquisa na psicologia, na sociologia, na ciência política, na administração, no trabalho social e no planejamento”. (TULL 1976, p 323) afirma que "um estudo de caso se refere a uma análise intensiva de uma situação particular. Para (YIN 2001, p.), “o estudo de caso deve ser significativo; tem que ser completo; tem que considerar as perspectivas alternativas; tem que mostrar suficientes evidências e tem que ser composto de maneira a engajar o leitor”.

A coleta de dados para os estudos de caso pode se basear em diversas fontes de evidências, porém (YIN 2001, p.105), prioriza seis delas como importantes: “documentação, registros em arquivos,

entrevistas, observação direta, observação participante e artefatos físicos”. Nesse estudo priorizamos algumas dessas fontes, além de outras. (FONSECA 2002) também colabora para o entendimento do Estudo de Caso no momento em que diz:

Estudo de caso pode ser caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida como [...] uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa [...]. Visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação [...] procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico. (FONSECA 2002, p. 33).

Seguindo esses pensamentos, podemos compreender que os estudos de caso não priorizam a generalização de seus resultados, mas o entendimento e a interpretação mais profunda dos fatos e fenômenos específicos.

Levantamento bibliográfico

O levantamento bibliográfico é uma etapa importante para a realização de um trabalho científico. Consiste no levantamento e escolha dos autores, na organização lógica do assunto, no fichamento e arquivamento das informações. Tivemos que buscar apoio bibliográfico para a fundamentação e organização das ideias. (VERGARA, 2000, p. 47) reforça a ideia de valor do suporte bibliográfico, quando relata: [...] “é importante para o levantamento de informações básicas sobre os aspectos direta e indiretamente ligados à nossa de temática”.

Observações: direta intensiva e extensiva

A observação direta é uma técnica que inclui vários tipos de observações e a entrevista. Das quais foi utilizada a observação participante, que “consiste na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. [...] fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais destes” (LAKATOS & MARCONI, 2003, p.194). As observações realizadas nesse estudo ocorreram nos diversos espaços da Unidade de Ensino (sala de aula, com professores diversos; na quadra de esportes com a professora de Educação Física; no recreio livre; no refeitório, nas festas e comemorações específicas e na biblioteca.

A observação direta extensiva, de acordo com (LAKATOS E MARCONI 2003, p. 201) é aquela “que se realiza através do questionário, do formulário, de medidas de opinião e atitudes e de técnicas mercadológicas”. Dentre essas opções, escolhemos a aplicação de um questionário.

Local da pesquisa

A pesquisa foi realizada com os professores, colegas da turma da aluna S de uma escola pública da rede municipal da cidade de Salvador-Ba e familiares,

A referida escola tem histórico de acolher um grande percentual de crianças e adolescentes com deficiências diversas, ao longo da sua trajetória de vida escolar. A mesma não dispõe de estrutura física acessível, uma vez que a maioria das salas de aula fica no primeiro e segundo andar, tendo dois lances de escadas como acesso exclusivo a elas. As únicas situações de acessibilidade são pequenas rampas na entrada de três salas de aula, um sanitário adaptado com barras, chuveiro, ducha e vaso sanitário diferenciado, no andar térreo.

Possui auxiliar de desenvolvimento infantil (ADI), para acompanhar os alunos com transtornos globais do desenvolvimento: aqueles que apresentam um quadro de alterações no desenvolvimento neuropsicomotor, comprometimento nas relações sociais, na comunicação ou estereotípias e que não possuem autonomia na vida diária, dentro e fora da sala de aula.

Esta unidade escolar possui até o momento, 357 alunos matriculados nos turnos matutinos e vespertinos. Grande parte desses alunos possui algum tipo de deficiência, com ou sem diagnóstico fechado, frequentam a sala de aula comum, numa turma de 20 ou mais alunos, na maioria das vezes, tendo apenas a escola como apoio pedagógico. Comumente não contamos com o apoio familiar dos pais, familiares ou responsáveis. O Projeto Político Pedagógico (2018, p.10), da referida escola mostra a preocupação da comunidade escolar em relação à “equidade de direitos”. Enfatiza o respeito às diferenças, aos diferentes e à diversidade, combatendo todo tipo de preconceito e discriminação.

Análise dos dados

Os dados foram coletados pela própria autora da investigação, através de observações e questionários. A aluna objeto do estudo nos referimos como sendo “S”, cujo objetivo é preservar a sua identidade. S possui a linguagem oral, a interação social e coordenação motora (grossa e fina) comprometidos. A sala de aula de S é composta de 22 alunos. A professora da sala demonstrou-se atenciosa com os estudantes. Nas observações percebeu-se que os alunos tratam S de forma diferente, não permitindo que a mesma realize qualquer atividade sem auxílio de algum deles, mesmo as mais simples e básicas, como pegar água no filtro da sala e beber. Ela fala: “tô com sede”. Alguém levanta pega água e entrega para ela. Na hora do lanche acontece a mesma coisa. S ficava na sala de aula sozinha, enquanto todos os colegas iam merendar, um trazia seu lanche e a mesma permanecia ali, durante todo o recreio. Não participou de nenhuma atividade interativa.

As atividades pedagógicas eram diferentes, sem ter nenhuma relação com os conteúdos trabalhados. A professora entregava a atividade, algumas vezes realizava e outras não. A professora relata que é difícil trabalhar com a educanda, pois a mesma é cheia de vontades e a família “problemática”. Foi sugerida uma reunião com a professora, a coordenação pedagógica, a gestão e a tia responsável pela criança na escola, a fim de haver uma mudança de postura da escola e da família, com o objetivo de auxiliar no desenvolvimento da aluna. A partir de então houve uma total modificação no fazer pedagógico da professora e nas questões de autonomia e de participação nas atividades escolares, (dentro e fora da escola).

A aluna S iniciou um novo processo de aprendizagem escolar. A princípio com alguma resistência, em seguida se adaptou totalmente a essa nova modalidade. Passou a levantar para tomar água, sair na fila, com todos, para pegar o lanche e participar de algumas brincadeiras com as crianças. Iniciou-se um processo de alfabetização, com atividades adaptadas e com auxílio da família nas atividades de casa. Que antes não existia. É fato que a aprendizagem da pessoa com Síndrome de Down ocorre num ritmo mais lento. A criança demora mais tempo para ler, escrever e fazer contas. No entanto, a maioria das pessoas, tem condições para ser alfabetizada e realizar operações lógico-matemática.

Dentro desta perspectiva, observa-se que a referida aluna possui algumas limitações na comunicação verbal, mas, consegue se fazer compreender nas suas necessidades básicas. Possui um ritmo lento no processo do desenvolvimento cognitivo no que se refere à aquisição e compreensão da leitura escrita ou de imagens, contudo, consegue reconhecer todas as letras do alfabeto, escrevê-las em ordem sequencial, (com auxílio) e identificá-las em contextos diversos. Na escrita encontra-se na fase silábica quantitativa, oscilando para qualitativa com valor sonoro, consegue juntar as letras, formar as sílabas para construir as palavras simples e frases substituindo a figura pelo nome.

É um processo de ir e vir o tempo todo. Num dia consegue formar palavras de sílabas sem complexidade ortográfica, completar frases, num outro, parece que esqueceu tudo e começa-se novamente. A construção da base Matemática exige maior abstração, deste modo, ela apresenta uma dificuldade maior. Consegue ler, escrever e relacionar o número à quantidade de um até quinze. Sente dificuldade com os nove e os seis, sem desistir, acaba conseguindo lembrar-se de ambos, troca, vai, volta. Há dias em que este processo se dá de modo tranquilo, em outros, demorado, fica cansada, queixa-se de dores de cabeça, de barriga, etc. Quando isto acontece, a professora fica sensível com o fato, muda a atividade, ou apenas conversa informalmente sobre o que ela fez no decorrer deste dia.

As atividades de adição, sem reservas, são realizadas com auxílio de material concreto (tampinhas de garrafas), com intervenção e auxílio da professora ou de outro colega da sala, com

deficiência intelectual que realizam as atividades juntos. As atividades de subtração estão sendo apresentadas aos poucos, pois se percebe um pouco de resistência em realizar essas tarefas. Percebe-se que a compreensão destas está sendo mais difícil.

Para possibilitar um maior desempenho da aluna no desenvolvimento das suas funções a professora desenvolve um trabalho sempre voltado para os pares ou pequenos grupos, realiza atividades utilizando materiais concretos (alfabeto móvel, sílabas para formação de palavras, figuras para identificação do objeto e escrita dos nomes, números Naturais, imagens de grupos de objetos, etc.), e todos os recursos que possibilitem a compreensão e a apreensão do assunto proposto na sala de aula regular para todos os alunos.

A educanda possui uma equipe interdisciplinar que a acompanha no núcleo pedagógico da APAE-Salvador (terapeuta educacional, fonoaudióloga, fisioterapeuta, psicopedagogo, entre outros). Este grupo a atende três vezes por semana, num turno oposto a escola, servindo de suporte e apoio para que ela possa crescer e se desenvolver como qualquer criança, superando todas as suas limitações e dificuldades

Análise e observações dos questionários

Dos 22 alunos e alunas do 3º ano que foram observados, percebe-se que a maioria está no nível de cognição semelhante ao da aluna S. As observações deste grupo foram realizadas ao longo deste ano, enquanto a individual acontece há quase quatro.

Das dez crianças que responderam ao questionário seis são do sexo feminino e quatro masculinos. A maioria dos estudantes, estuda com a aluna S há pelo menos um ano; considera S uma colega que interage, de forma tímida, com quase todos os colegas da sala. Nenhum deles teve a oportunidade de conviver com outra criança com Síndrome de Down e acha uma experiência nova e diferente, pois acredita que deve protegê-la, pois ela possui algumas limitações.

As respostas obtidas através do questionário com o grupo de amostragem confirmaram o que já se observam na prática, todos a amam, são solidários e compreensivos. Estes fatores são importantes e relevantes para que o processo de aprendizagem esteja caminhando lado a lado com a aceitação e inclusão do outro no grupo.

As observações realizadas com os diversos professores nos permitem afirmar que a aluna S demora um tempo para se adaptar ao novo, pode ser uma das características da síndrome de Down. No entanto, com o passar do tempo ela se desinibe e a confiança surge naturalmente, facilitando o processo de ensino e de aprendizagem.

As professoras que responderam ao questionário possuem carga horária diferenciada; estão na escola no período de um a três anos, gostam de trabalhar com a aluna, não possuem outra experiência com alunos com esta Síndrome e consideram um desafio desenvolver um trabalho dentro de uma proposta inclusiva. No início a aluna S não aceitava ficar com as professoras sem a presença da regente da sala; aos poucos, ela conseguiu autoconfiança suficiente para seguir com as professoras para espaços além da sala de aula comum.

Pode-se relatar que a aluna S possui acompanhamento tempo integral da tia Mari, segundo ela, sua mãe número dois, que não permite que lhe falte coisa alguma. A aluna em questão gosta de ir à escola, realizar tarefas domésticas, ir à padaria sozinha, passear no shopping, entre outras coisas. Ela não gosta de ficar em casa nos fins de semana e de praia. Também não se sente à vontade para ficar num lugar onde pessoas olham para ela de forma incisiva. Ela sabe que é diferente, mas, se comporta como uma criança completamente normal nos ambientes que frequenta.

Considerações finais

As questões levantadas neste estudo, através da aplicação de questionários com os alunos, familiares e professores, sugerem a confirmação do caráter de construção dos processos de ensino e de aprendizagem como sendo algo essencial para a efetivação da aprendizagem, dentro de um ambiente alfabetizador, que esteja comprometido com o processo de inclusão de crianças na Rede Regular de Ensino, no município da cidade de Salvador através do estudo do Caso S.

Os discursos teóricos e as informações coletadas sugerem que os caminhos percorridos com a alfabetização, dentro de uma perspectiva de inclusão, se constroem por meio de redes de subjetividades, tecidas em espaços que favoreçam o processo de construção da base alfabética de crianças com necessidades educacionais especiais e em ambientes sociais. Compreendemos que alfabetizar uma criança com Síndrome de Down não é uma tarefa fácil, mas, uma possibilidade a ser conquistada e desenvolvida através de práticas que favoreçam a compreensão, o entendimento, a vontade e o compromisso de todas as pessoas que estejam envolvidas neste processo, dentro e fora da escola.

Deste modo, enfatizamos a importância dos trabalhos desenvolvidos no âmbito escolar, sob a supervisão e acompanhamento dos professores, através de atividades com ilustrações chamativas, com cores e símbolos fáceis de compreender e com atividades lúdico-pedagógicas, que favoreçam uma aprendizagem significativa para todos.

Este estudo serviu para refletirmos sobre as questões que envolvem as crianças com deficiências, inseridas em espaços educacionais em que são matriculadas e inseridas, mas, nem

sempre são incluídas. Uma vez que nossas práticas normalmente se baseiam no pressuposto de que somos todos iguais, negando ou mascarando as diferenças e os diferentes. Bem como para pensarmos em alternativas de estudos e ações que nos permitam refletir sobre o fato de não se bastante acolher e promover a interação social. Torna-se necessário ensinar de modo que eles possam aprender. Este fato está posto desde 1988, quando a Constituição Nacional foi aprovada. Nós, educadores, entendemos que não temos respostas prontas, mas temos ciência da necessidade de prosseguirmos no estudo, no debate, no compromisso e na responsabilidade de construirmos uma escola de todos e para todos.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Giselle Alves Alencar. **O Enfrentamento da Síndrome De Down: Uma Abordagem do Comportamento Materno e do Tratamento Fisioterapêutico.** Trabalho de Conclusão de Curso (Fisioterapia). Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2004. Disponível em: http://www.ucg.br/ucg/institutos/nepss/monografia/monografia_15.pdf. Acesso em: outubro de 2021.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Pesquisa participante.** São Paulo: Brasiliense, 1981.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Programa Educação Inclusiva: direito à diversidade.** Brasília, 2005.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita.** 4ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da Pesquisa Científica.** Fortaleza: EDUEC, 2002.

HONORA, M.; FRIZANCO, M. L. **Coleção Ciranda da Inclusão: Esclarecendo as Deficiências.** São Paulo: Ciranda Cultural, 2008.

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEFÉVRE, Beatriz. **Neuropsicologia Infantil.** São Paulo: Sarvier, 1989.

OLIVEIRA, A. A. S.; POKER, R. B. **Educação inclusiva e municipalização: a experiência em educação especial de Paraguaçu Paulista.** *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 8, n. 2, p. 233-244, 2002.

PIAGET, Jean. **Psicologia e pedagogia.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

SCHWARTZMAN, José Salomão. **Síndrome de Down.** São Paulo: Memnon/ Mackenzie, 1999.

TRONCOSO, Maria Victoria e Del Cerro, Maria Mercedes. **Síndrome de Down: Leitura e Escrita** - Cantabria, Espanha. Masson S.A. - 1998.

TULL, D. S. & HAWKINS, D. I. - **Marketing Research, Meaning, Measurement and Method**. Macmillan Publishing Co., Inc., London, 1976.

VERGARA, Sylvia C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 3.ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2000.

WERNECK, C. **Muito prazer, eu existo: um livro sobre as pessoas portadoras de Síndrome de Down**. 4ed. Rio de Janeiro: WVA, 1993.

YIN, R. K. – **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**/ Robert K. Yin; trad. Daniel Grassi – 2 ed. – Porto Alegre: Bookman, 2001.